

HABITAR O VENTO: O FANTASIAR DE MARCELA, MARIA E ZECA DA CURVA

Marcos Vinícius Teixeira *

“No reino do imaginário, não é impossível que o moinho faça girar os ventos.
O leitor que recusa essa inversão derroga os princípios do onirismo.”¹
Gaston Bachelard

Moacir C. Lopes, em seu livro *Guia Prático de Criação Literária*, afirma que Saulo, personagem de seu romance *A Ostra e o Vento*, não é o vento. Tal personagem, segundo ele, habita o vento. Nesse compasso, esta pesquisa tem como objetivo analisar a questão do *habitar o vento*, fenômeno que permite a determinados personagens tornarem-se *passageiros* do vento, nas obras *A Ostra e o Vento*, de Moacir C. Lopes, *A Menina e o Vento*, de Maria Clara Machado, e *O Iniciado do Vento*, de Aníbal M. Machado.

Nessa perspectiva, o termo *habitar o vento* deve ser compreendido como um fenômeno, através do qual determinados personagens tornam-se habitantes e passageiros do vento. Na falta de um verbo que expresse ao mesmo tempo a idéia de moradia e a possibilidade de ser passageiro de algum veículo – no caso o vento – utilizaremos no decorrer deste texto apenas o termo *habitar o vento*.

Assim sendo, no romance *A Ostra e o Vento*, a personagem Marcela vive na Ilha dos Afogados em companhia apenas dos velhos Daniel, seu mestre, e José, seu pai, ou seja, encontra-se na ausência de qualquer contato com jovens do sexo oposto. O desejo despertado pela carência sexual, o fantasiar de menina, o conhecimento adquirido de Daniel e da ilha, dentre outros fatores, induzem Marcela a criar, na imaginação, uma entidade que será chamada de Saulo.

Nesse sentido, Saulo, que é um personagem incorpóreo, criado na imaginação de Marcela, habitará o vento. Mesmo adquirindo vida própria, podendo assim ser considerado

* Aluno do 7º período do curso de Letras – Bacharelado em Estudos Literários, Universidade Federal de Ouro Preto.

¹ BACHELARD, Gaston. *O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: M. Fontes, 1990, p. 232.

um personagem, fará parte de Marcela, sua criadora. Habitando o vento, Saulo funcionará como uma espécie de amante, a quem Marcela se entregará todas as noites na praia. Como Marcela prefere manter Saulo como um segredo seu, este personagem fará parte do mistério que o auxiliar de faroleiro, Mestre Daniel, tentará esclarecer quando retornar à ilha.

O crítico Michael Fody, III, no *Prefácio à 2ª edição de A Ostra e o Vento*, afirma que Saulo “é a projeção da parte masculina de Marcela, criada com a ajuda de elementos da natureza – o vento e o mar...”². O mesmo crítico reproduz, no seu livro *Criação e técnica no romance de Moacir C. Lopes*, um trecho de uma carta³ escrita por Lopes em 1967, ou seja, anterior ao referido prefácio, na qual afirma que Saulo passa a ser a projeção de Marcela no espaço e no tempo.

Todavia, podemos melhor compreender Saulo como projeção de Marcela nas palavras do próprio Moacir C. Lopes:

“Pensava eu na ocasião: sei que este meu livro só virá a ser compreendido no próximo século (eu o escrevi em 1963, publicado em 1964). Era uma pretensão, mas foi o que pensei ao acabar de escrevê-lo. Ou seja, quando entrássemos na Era de Aquário. Quando o homem fosse tão espiritualizado que poderia admitir uma pessoa (Marcela) projetar-se no espaço através do objeto desejado (Saulo), e, se ela desaparece, é porque teria se transferido completamente para Saulo.”⁴

Nessa perspectiva, o fenômeno habitar o vento, em *A Ostra e o Vento*, une um personagem incorpóreo, fruto do fantasiar da menina Marcela, que é Saulo, ao vento. Gian Luigi De Rosa, em seu artigo *O universo mágico de Marcela em A Ostra e o Vento de Moacir C. Lopes*, chega a classificar Saulo como “a criatura de ar”⁵, o qual “preenche o dia de Marcela, transcende o processo mental da sua criadora e torna-se presença na ilha.” (pág. 04).

² LOPES, Moacir C.. *A ostra e o vento*. 7. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2000, p 07.

³ FODY, III, Michael. *Criação e Técnica no Romance de Moacir C. Lopes*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978, p. 136.

⁴ LOPES, Moacir C.. *Realismo Mágico* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <marcosvteixeira@hotmail.com> em 30 abr. 2001.

⁵ ROSA, Gian Luigi De. *O universo mágico de Marcela em A ostra e o vento, de Moacir C. Lopes*. Universidade de Nápoles, Itália, 2000, p. 10.

Em *A Menina e o Vento*, de Maria Clara Machado, por se tratar de uma peça teatral, a qual foi levada pela primeira vez ao público em 1963 pelo TABLADO, o fenômeno habitar o vento ocorre de forma bem diferente do que em *A Ostra e o Vento*. No romance de Lopes, temos, como já foi dito, um personagem incorpóreo e o vento, ou seja, Saulo não pode ser visto pelo leitor, que o imaginará caracterizado pelas qualidades do vento. Em *A Menina e o Vento*, a menina Maria, que habitará o vento, tem corpo físico, e o personagem Vento, devido ao fato de se tratar de uma peça teatral, será representado por um homem alto, tendo portanto, corpo físico.

Quando perguntada pelo Vento, de como teria feito para conhecer a sua tática, Maria responde que praticando. Inicialmente Maria praticou com a filha do Vento, a brisa, que é fraquinha. Em seguida passou a praticar com o vento, que é o próprio personagem Vento. E, finalmente, enfrentou a ventania, que é a mãe do Vento; aprendendo assim a “ventarolar”, ou seja, rodopiar na ventania.

Vento e Maria travam uma conversa acerca de vários assuntos, dentre eles, o dever de ser patriota. Maria conta ao Vento que “ouvir aula de tia Adelaide e ser obrigada a amar o Brasil!...”⁶ é uma coisa chata. O Vento, por sua vez, convida Maria a conhecer e amar o Brasil na sua cacunda.

O ato de subir na cacunda do Vento, representa, em nossa análise, o habitar o vento. Maria, passageira do vento, não só viajará pelo Brasil, mas aproveitará das qualidades do vento para fazer desordens, umas “ruindadezinhas”, como desarrumar as coisas, ou mesmo dependurar as suas três tias nas árvores. Tal aspecto, que mistura as qualidades do vento com as travessuras da menina Maria, está relacionado ao fenômeno habitar o vento: “A menina monta na cacunda do Vento que começa a soprar. Dão uma volta pela casa sempre rindo e

⁶ MACHADO, Maria Clara. *Teatro III*. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1986, p. 20.

desaparecem, ouvindo-se ainda por algum tempo a gargalhada e o barulho do vento. Depois volta à cena um silêncio completo até a cena II.” (pág. 21).

Importante observarmos que Maria é convidada pelo Vento a se tornar brisa do mar. Mas recusa, afirmando que “a gente se acostuma tanto a ser gente que não quer mais largar de ser.” (pág. 32). Todavia, o comissário Plácido Epaminondas Cavalgadura, ao tentar prender o Vento, não pode fazê-lo, pois, na lógica racional dos adultos, prender o vento é impossível.

A personagem Maria, ao contrário de Saulo em *A Ostra e o Vento* e de Zeca da Curva em *O Iniciado do Vento*, como veremos, retoma o seu caráter de menina, ou seja, deixa de ser passageira e habitante do vento.

No conto *O Iniciado do Vento*, de Aníbal M. Machado, temos um personagem de corpo físico, que é o menino Zeca da Curva, e o vento. Este se divide em dois: o vento comum e o vento forte, de caráter especial, que seduz Zeca da Curva. No filme *O Menino e o Vento*, baseado no referido conto de Aníbal M. Machado, este vento forte é chamado de “o ventão”.

Interessante notar que, ao contrário de *A Ostra e o Vento* e de *A Menina e o Vento*, no conto de Aníbal M. Machado o menino está, no momento de ir habitar o vento, acompanhado do engenheiro construtor de pontes José Roberto, que funciona como uma testemunha para o leitor: “Senhor Juiz, o menino achava-se realmente comigo, no momento em que desapareceu.”⁷.

Conforme o engenheiro, entre Zeca da Curva e ele existia uma amizade “unicamente na base do vento” (pág. 30). Zeca, segundo ele, é “um menino de cabelos lisos, olhos espantados, pele bronzeada” e dotado de uma “mobilidade extrema na fisionomia” (pág. 16). Esta última característica pode ser relacionada ao que Gaston Bachelard considerou ser uma imagem aberta, evasiva, devendo ser refletida no domínio do imaginário.

⁷ MACHADO, Aníbal M.. *A morte da porta-estandarte: Tati, a garota e outras histórias*. 15. ed.. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997, p. 14.

Nesse sentido, para que possamos compreender o fenômeno habitar o vento no conto *O Iniciado do Vento*, faz-se preciso entender a relação existente entre menino e vento. Ambos estão tão ligados no conto que, mesmo com o ar parado, Zeca sabe se o vento virá ou não:

- “– Acho que ele já vem vindo.
- Ele quem?
- O vento.
- Como sabe que vem?
- No corpo, uai...
- Mas o ar está parado. Que é que você sente no corpo?
- Uma coisa...”

(Machado, 1997, pág. 18)

Antes de Zeca ir habitar o vento, isto é, antes de Zeca e vento formarem uma só entidade, o momento no conto em que o menino tem um maior contato com o vento ocorre em uma certa manhã, durante um temporal, quando o engenheiro, por meio de binóculo, avista Zeca, que estava nu e, pode-se dizer, “feliz” no vento:

“Agora, pensei comigo, já não tenho dúvida: ele é mesmo o enfeitado do vento. Acertei melhor as lentes e percebi, Sr. Juiz, claramente percebi o que o menino fazia: mijava! Com o perdão da palavra, ele mijava, Sr. Juiz! Gritei. Não me atendeu. Nem podia, tamanha era a barulheira. A urina diluía-se em gotas cristalinas. Misturando ao ar um líquido de seu organismo, tive a impressão de que procurava sentir-se mais ligado aos elementos.”

(Machado, 1997, pág. 27)

Zeca da Curva, numa ventania, acreditando talvez nas palavras do engenheiro, isto é, de que no vento “correm também meninos invisíveis, os mensageiros” (pág. 25), exclamou: “Com este eu vou!” (pág. 29). Após esta fala, Zeca da Curva permite que o vento o leve. Aníbal M. Machado chega a utilizar a frase “diluiu-se na bruma” (pág. 29). Zeca, correndo, irá “sumir-se no longe” (pág. 29). O engenheiro sente-se abandonado.

Uma vez estando Zeca a habitar o vento, este passa a *convidar* o engenheiro a repetir o ato, tentando o empurrar para o espaço. O engenheiro José Roberto, por sua vez, recusa:

“Pudesse eu fazer aquilo! Faltava-me a força e a pureza do menino. Fui tomado de um sentimento estranho: senti-me rebaixado perante mim mesmo.

– Ele tem doze anos! disse comigo, tentando anular meu despeito.

As rajadas aumentavam empurrando-me para o espaço, como que me desafiando a imitar a proeza do pequeno companheiro. Não. Eu, não! Sou engenheiro, não sou criança! Construo pontes, tenho os pés fincados na terra... Loucura, querer emular-me com o garoto, disputar com ele os mesmos direitos perante o vento...”

(Machado, 1997, pág. 29)

Assim sendo, Zeca da Curva, o qual desapareceu com o vento, ressurgiu habitando o mesmo e querendo participar do final do interrogatório. O vento, habitado pelo menino, torna-se “de um tipo novo, menos descarnado e musical. Com algo de rebelde e desordeiro” (pág. 33). Terminada a audiência, o que sobrou foi um processo incompleto, pois não poderia constar neste todos os relatos sobre o vento. Processo que o vento fará, ao final do conto, desaparecer todas as folhas.

Gaston Bachelard afirmou em seu livro *O Ar e os Sonhos – Ensaio sobre a imaginação do movimento*: “pela imaginação abandonamos o curso ordinário das coisas. Perceber e imaginar são tão antitéticos quanto presença e ausência. Imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova.” (pág. 03). Nessa perspectiva, o leitor interessado em conhecer as histórias de Marcela, Maria e Zeca da Curva, deve aceitar os princípios do onirismo, isto é, buscar a compreensão do universo onírico segundo o domínio que rege a imaginação criadora e o reino do imaginário.

“A ostra e o vento tem toda a imensa poesia dos contos de fadas e, como eles, o real e o imaginário se intercalam em oníricas visões.”⁸, afirmou certa vez o pesquisador Michael Fody, III. Nesse romance, o responsável pelo processo que leva Marcela a criar Saulo é o personagem Daniel. Podemos notar a importância de Mestre Daniel, com relação a Marcela, nos trechos: “É bonita mesmo esta ilha. É sua Daniel? Sim, mas a partir de agora é sua, Marcela. Você me dá mesmo inteira, com esses pássaros e tudo? Dou sim, Marcela, com isso tudo.” (pág. 29); “Viver numa ilha, Marcela, é ser uma ilha” (pág. 22); “viver numa ilha é

⁸ LOPES, Moacir C.. *A ostra e o vento*. 7. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2000, p. 07.

possuir-se de Deus, Marcela. Daniel é engraçado” (pág. 66). Segundo Moacir C. Lopes, Daniel torna-se, “nas suas relações com Marcela, como seu mentor intelectual, responsável pela explosão de sua imaginação...”⁹.

Em *A Menina e o Vento*, para a personagem Maria, “as tempestades são causadas pelo mau humor de vento e de sua família...”¹⁰, ou seja, quando, por exemplo, nuvens, brisas, ventos, raios, resolvem brigar entre si. Maria, viajando na cacunda do Vento, tem a oportunidade de conhecer a dona Ventania e a sua filha Brisa. Ao contrário de Maria, temos o personagem comissário Plácido, para quem “dois e dois são quatro, menina é menina, vento é elemento elementar da natureza, polícia é polícia...” (pág. 35). O comissário representa um bom exemplo comparado àquele leitor que recusa os princípios do reino do imaginário, do qual nos fala Gaston Bachelard.

M. Cavalcanti Proença, em seu texto *Os balões cativos*, afirma que, na obra de Aníbal M. Machado, principalmente as crianças são ungidas de ternura. Proença classifica, por exemplo, personagens como Zeca da Curva e Tati de “surrealistas em decorrência da idade”¹¹. Podemos, nesse compasso, atribuir a mesma classificação a Marcela, de *A Ostra e o Vento*, e a Maria, de *A Menina e o Vento*.

Zeca da Curva, antes de ir habitar o vento, faz algumas considerações sobre o ventar, afirmando que cabe aos gigantes a tarefa de soprar as ventanias e os furacões, ficando aos filhotes dos gigantes reservada a tarefa de produzir brisa. O engenheiro José Roberto, por sua vez, assim como Daniel em *A Ostra e o Vento*, tem o papel de instigar a fantasia de Zeca da Curva. O engenheiro conta ao menino, por exemplo, que no vento correm os meninos invisíveis, os mensageiros alados:

“Fez uma pausa:
– E no furacão? tem crianças também?”

⁹ LOPES, Moacir C.. *Guia prático de criação literária*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001, pp. 229-230.

¹⁰ MACHADO, Maria Clara. *Teatro III*, 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1986, p. 15.

¹¹ MACHADO, Aníbal M.. *A morte da porta-estandarte: Tati, a garota e outras histórias*. 15. ed.. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997, p. xxii.

- No furacão passam os guerreiros terríveis, inventei.
- Por isso é que ele faz tanto barulho, não é?
- Exatamente, respondi.”

(Machado, 1997, pág. 25)

O engenheiro torna-se, então, para o menino, um homem dotado de certa importância e conhecimento. Perguntado por Zeca se é verdade que os mensageiros do vento possuem asas, o engenheiro responde: “Sim, é verdade.” (pág. 25). Passado alguns dias, o menino o procura para dizer que o vento virá. O engenheiro lhe pergunta, pela segunda vez no conto, de como é que ele sabe que o vento virá. Zeca responde: “Uai! a gente sabe sem querer... O corpo avisa. Os meninos já estão passando...” (pág. 28). Será quando o engenheiro terá a sensação de quase poder agarrar o vento com as mãos, devido a sua especial espessura.

Assim sendo, as três diferentes formas de habitar o vento possuem em comum o elo entre real e imaginário. Há também nas obras, como mostramos, uma forte integração com a natureza envolvendo principalmente os *personagens-meninos*. Mas é essencialmente no reino do imaginário, no domínio deste, que devemos pensar o processo pelo qual personagens podem habitar o vento, tornando-se assim “criaturas de ar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*.

[tradução de Antonio de Pádua Danesi.]. São Paulo: M. Fontes, 1990.

FODY, III, Michael. *Criação e Técnica no Romance de Moacir C. Lopes*. [tradução de Ilza

Viegas e José Augusto Carvalho.]. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

LOPES, Moacir C.. *A ostra e o vento*. [estudo de Michael Fody, III]. 7. ed. Rio de Janeiro:

Quartet, 2000.

_____. *Guia prático de criação literária*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

_____. *Realismo Mágico* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por

<marcosvteixeira@hotmail.com> em 30 abr. 2001.

MACHADO, Aníbal M.. *A morte da porta-estandarte: Tati, a garota e outras histórias*.

[balada em prosa de Aníbal M. Machado, por Carlos Drummond de Andrade;

introdução de M. Cavalcanti Proença]. 15. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.

MACHADO, Maria Clara. *Teatro III*. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

O MENINO e o vento. Direção e produção: Carlos Hugo Christensen. Música: Lyrio Panicali.

Adaptação e diálogos: Millôr Fernandes. Intérpretes: Enio Gonçalves; Wilma

Henriques; Odilon Azevedo; Luiz Fernando Ianelli e outros. ART FILMES S. A..

1966 ou 1968. 1 fita de vídeo (90 min.). VHS, preto e branco. Baseado no conto “O

Iniciado do Vento” de Aníbal M. Machado.

ROSA, Gian Luigi De. O universo mágico de Marcela em A ostra e o vento, de Moacir C.

Lopes. Universidade de Nápoles, Itália, 2000.